

Distrito de Magude

FAM consolidam posições em Honwana e Malonguene

• Iniciado reagrupamento das populações dispersas

por Benjamim Faduco (texto) e Carlos Calado (fotos)

O helicóptero militar em que viajamos faz uma série de evoluções no ar, ao mesmo tempo que vai perdendo a altitude. Através das vigias do grande bezerro, avistamos, lá no fundo, meia dúzia de cabanas e alguns animais dispersos. O panorama é desolador. Terra queimada e gretada há muito reclamando pela chuva. Antes de o helicóptero pousar, alguns mirões correm em direcção ao barulhento aparelho, enquanto elementos das FAM montam a necessária segurança. Estamos em Honwana, a cerca de dez quilómetros da fronteira com a África do Sul. Honwana fica na Localidade de Mapulanguene, distrito de Magude, provincia do Maputo.

Foi na região de Honwana, 15 quilómetros a Noroeste da localidade-sede de Mapulanguene, onde nos dias 11 e 12 do corrente mês, unidades das nossas FAM, aviação

e infantaria, destruíram e ocuparam um importante acampamento dos bandidos armados, que semeavam a morte e pilhagem no seio das populações da zona, desde Junho último.

Quando descemos do helicóptero, fomos recebidos pelo jovem Tenente Zacarias Felipe dos Santos Machava, Comandante da 2.ª Companhia de um dos Batalhões destacados no distrito de Magude.

Sentados à sombra de uma massaleira refrescante, o jovem Comandante das nossas tropas ali destacados falou-nos do trabalho de reorganização e reagrupamento das populações depois da destruição e ocupação do acampamento dos bandidos.

O Comandante Machava confirmou-nos os factos anteriormente divulgados de que, na sua fuga desordenada, os bandoleiros raptaram algumas populações de Honwana até à vizinha África do Sul, que dista da zona entre três a dez quilómetros.

— Depois de batidos, no dia 11, pela aviação e no dia 12 pela infantaria, os bandidos armados refugiaram-se do lado do território sul-africano. Na sua fuga, raptaram populações desta região, que viviam muito próximo do seu acampamento — disse-nos o Tenente Zacarias Felipe dos Santos Machava.

Enquanto decorria o diálogo com o Comandante da Companhia ali estacionada, viámos ao longe, debaixo das micaias, alguns elementos da população civil. Pouco tempo depois, numa curta reunião organizada para os jornalistas, viámos a saber que aquela gente veio para ali refugiada de Malonguene, onde vivia antes do assalto e ocupação do acampamento de Honwana.

Trata-se de uma acção de consolidação das posições conquistadas pelas nossas Forças Armadas, através da fixação da população na região agora libertada da influência dos

bandoleiros. Isto porque, na sua grande maioria, a população local foi raptada para o território sul-africano, ficando o Círculo de Honwana praticamente despovoado.

Até segunda-feira desta semana, cerca de 500 camponeses, entre homens, mulheres e crianças já se encontravam em Honwana. As populações que agora irão ser fixadas naquela zona, começaram já a receber algum apoio das estruturas do distrito de Magude.

Segundo o Tenente Machava, já recebemos milho e farinha para as populações, e aguardamos a chegada de outros produtos que fazem imensa falta à população, tais como sabão, fósforo, petróleo e açúcar.

Não sendo propriamente populações que viviam nas garras do banditismo, os camponeses agora instalados em Honwana, não enfrentam o problema da nudez com a mesma acuidade que aqueles que passam uma vida de cativo. É um facto que a população não tem vestuário que lhe baste, mas não apresenta o aspecto andrajoso dos que, de facto, viveram no seio do banditismo.

Com o apoio das estruturas da localidade-sede, os camponeses que vão sendo alojados em Honwana, já iniciaram o corte de estacas e de capim para a construção das suas habitações.

HONWANA TOMADO SEM RESISTÊNCIA

Segundo nos contou o Tenente Machava, que comandou pessoalmente a operação de limpeza e ocupação do acampamento de Honwana, os bandidos praticamente não resistiram. Quando se aperceberam da nossa aproximação, dividiram-se em pequenos grupos de três a cinco elementos e dispersaram para as imediações do acampamento.

— Quando alcançámos a profundidade do acampamento, cerca das 10 horas do dia 12 deste mês, o inimigo tentou reagir disparando contra as nossas posições. Abrimos fogo intenso e 45 minutos depois o inimigo bateu em retirada, em direcção

ao território sul-africano, levando consigo muitos mortos e feridos — afirmou o Tenente Machava.

Solicitado a explicar as características do acampamento de Honwana, o jovem Tenente, diria que não é o que se pode considerar uma grande base. Tratava-se de um acampamento instalado num ponto situado entre duas elevações, a cerca de três quilómetros da linha de fronteira com a África do Sul.

Pela explicação do Tenente Machava, compreendemos que, de facto, Honwana não era uma base militar, mas sim um ponto a partir do qual os bandoleiros realizavam acções criminosas contra as populações da região.

Nem sequer havia no local indícios de que ali tivessem existido grandes quantidades de armamento. Honwana não era base mas sim, um posto avançado para acções planeadas a partir da África do Sul.

Esta afirmação é tão verdadeira como é indimentável o facto de que os bandidos armados fugiram (entenda-se regressaram) para a África do Sul, quando foram batidos do seu acampamento.

A escolha de Honwana, explica-se pelas condições naturais da zona. Uma extensa planície, muito pouca população, e mesmo esta, dispersa. A existência de duas represas com grande volume de água constituíu outra das razões que atraíram os bandidos.

Depois da destruição do acampamento de Honwana, os bandidos que se tinham dividido em grupos de três a cinco elementos, tentaram em vão retomar as posições perdidas.

É o Tenente Machava que fala: Depois de tomarmos a profundidade do acampamento de Honwana, na manhã do dia 12 deste mês, o inimigo tentou por umas quatro vezes surpreender-nos. De todas as vezes foi batido e destruiu em debandada. A última tentativa registou-se na última quarta-feira, dia 23. Vieram de manhã e foram batidos. À tardinha, voltaram numa outra direcção e, de novo, foram escorraçados e até hoje, nunca mais nos incomodaram.

ÁFRICA DO SUL É A BASE DOS BA's

- 2 -

Segundo nos explicou o Tenente Machava, o território sul-africano parece-nos ser a base destes pequenos grupos que tentam atacar as nossas posições. Isto porque os nossos soldados fazem patrulhamento até à linha da fronteira e nunca registaram presença de nenhum grupo de bandidos. O patrulhamento é feito diariamente numa extensão de 15 quilómetros até Mangondzo. Uma outra vasculha é feita até às imediações da localidade de Mapulanguene, também ao longo da fronteira.

Como explicou aquele oficial do nosso Exército, em todos os patrulhamentos nunca se registou nenhuma confrontação com o inimigo. Isto significa que os pequenos grupos que tentam fazer intimidação são provenientes do território sul-africano. Não vemos outra explicação para o facto.

Para além do reagrupamento das populações, as estruturas do distrito de Magude e da própria localidade de Mapulanguene, em coordenação com as nossas tropas, estão a proceder à identificação e registo das manadas de bovinos que dispersaram devido à acção criminosa do banditismo. Alguns proprietários têm conseguido recuperar o seu gado, enquanto outro ainda continua perdido pelas matas.

ANIQUILADO GRUPO DE CHIBANZA

A recente destruição e ocupação do acampamento de Honwana insere-se numa vasta ofensiva que as Forças Armadas de Moçambique (FAM/FPLM), têm vindo a realizar na província do Maputo, com maior incidência nos distritos da Manhica, Moamba e Magude.

Assim, e segundo afirmou o Tenente Machava, no dia 7 deste mês, durante a progressão em direcção a Mapulanguene, vindos da região de Makhandzene, aniquilámos o grupo que aterrorizava as populações de Chibanza.

Dados fornecidos pelo Tenente Machava, revelam que nesta vitoriosa acção, as nossas tropas aniquilaram sete bandidos armados e capturaram oito espingardas «AKM» e uma «bazooka». Esta acção registou-se cerca das 10 horas do dia 7 do corrente mês.

POPULAÇÃO TESTEMUNHA ATROCIDADES DOS BANDIDOS

Em diálogo mantido com alguns dos camponeses agora instalados no Círculo de Honwana, registámos vários depoimentos que testemunham os actos de puro vandalismo perpetrados pelos bandidos armados no distrito de Magude em geral, e na localidade de Mapulanguene em particular.

A primeira testemunha que ouvimos, foi a jovem Leonor Muhlunhi, mãe de duas crianças. Ela contou-nos que os bandidos roubaram-nos todos os nossos haveres, incluindo cabeças de gado. Leonor, faz parte do grupo de camponeses refugiados de Malonguene para Honwana, durante as recentes operações do nosso Exército.

A sua opinião foi secundada por Generosa Johane Mabunda, outra jo-

vem de 20 anos e mãe de uma criança.

— Sofremos muito devido à acção criminosa dos bandidos. Ultimamente, vivíamos refugiados nas matas, porque os bandidos passavam muitas vezes pela nossa aldeia de Malonguene, durante as suas acções de saque e assassinatos — afirmou Generosa Mabunda.

Durante o diálogo tanto com os camponeses como com alguns membros das Forças de Defesa e Segurança, pudemos constatar que a acção do banditismo armado na região de Mapulanguene começou a fazer-se sentir a partir de 1983.

Nessa altura, segundo nos contaram, as acções eram muito esporádicas e sem qualquer consistência.



Tenente Zacarias Filipe dos Santos Machava, Comandante da 2.ª Companhia, destacada em Honwana

Contudo, a 21 de Janeiro de 1984, o inimigo fez uma progressão e logrou o seu primeiro ataque directo, contra a localidade-sede de Mapulanguene.

De facto, até hoje, são visíveis os indícios de balas crivadas nas várias construções de alvenaria que integram a pequena vila de Mapulanguene.

Depois desta acção que foi prontamente repelida pelas nossas tropas, os bandidos armados nunca mais ousaram aproximar-se da localidade-sede.

Segundo fontes militares em Mapulanguene, os bandidos armados que estiveram acampados em Honwana, teriam sido reforçados, por um outro grupo, este último escoraçado em Matongomano em princípios deste ano.

Por seu turno, João Chibubo Mudlovu disse-nos que em Outubro do ano passado foi vítima dos bandidos armados quando regressava à sua aldeia de Malonguene, vindo de Ma-

pulanguene. Mudlovu foi interceptado no caminho e levado com mais dois homens que seriam assassinados horas depois, no mesmo dia.

João Mudlovu logrou escapar-se das garras dos bandidos depois de uma luta renhida corpo-a-corpo, com um dos seus raptos. O facto ocorreu quando os outros bandidos se tinham ausentado para assassinar friamente o dois companheiros de jornada de Mudlovu.

Ele contou-nos que, enquanto os outros se tinham ausentado eu fiquei à guarda de um outro bandido armado. Aproveitei uma pequena distração e agarrei a arma do bandido, consegui deitá-lo no chão e fugir.

Durante a fuga, o bandido desatou a disparar à queima-roupa, atingindo

Mudlovu no ombro. Depois da queda, Mudlovu conseguiu rastejar, mesmo sagrando abundantemente, até que foi socorrido pelas populações da região.

Hoje, João Mudlovu ainda tem a ferida viva, pois, mesmo depois do tratamento que recebeu o local onde a bala penetrou voltou a infectar, continuando por isso, a fazer o curativo.

De uma maneira geral, todos os camponeses que encontramos em Honwana nutrem um ódio ferrenho pelo bandido armado, cujas acções criminosas, sentiram na sua própria pele.

Hoje são reagrupados em Honwana, numa acção dirigida pelas FAM/FPLM, visando consolidar as posições conquistadas com a destruição dos bandoleiros naquela zona. São populações de camponeses, entre homens, mulheres e crianças, de cujos rostos desponta uma luz de esperança por uma nova vida de paz e tranquilidade.